

Bernardo Soares

**[Carta a João Lebre Lima — 3 Maio 1914]**

Meu caro João:

Releve-me o ser tão pouco estético o papel em que lhe escrevo. Mas é o que tenho à mão e eu sinto absoluta a necessidade de lhe escrever.

Neste dia de sol claro e simples, assaltou-me um tédio de tal maneira profundo que não o posso exprimir senão expondo-lhe que sinto uma mão a estrangular-me a alma.

Li hoje, pela não-sei-que-ésima vez, parte do seu livro e fez-me bem, como sempre me faz, por tão bem falar do meu mal.

Escuso de empregar o vulgar «não imagina», para lhe descrever o abismo de torpor de todo o Eu em que estou caído; sei de sobra que você imagina isso muito bem, para mal da sua felicidade.

Estou num destes momentos em que tudo perde o sabor a vida que tem e em que adoece dentro de nós o nosso modo de sentir as coisas; repare que eu digo que adoece, não as sensações, mas o modo como elas são sensações.

Estou talvez fatigando-o com isto. Desculpe-me que o faça. Sou impelido a fazê-lo.

A propósito de tédios, lembra-me perguntar-lhe uma coisa... Viu, num número do ano passado, de A Águia um trecho meu chamado Na Floresta do Alheamento? Se não viu, diga-me. Mandar-lho-ei. Tenho imenso interesse que você conheça esse trecho. É o único trecho meu publicado em que eu faço do tédio, e do sonho estéril e cansado de si próprio mesmo ao ir começar a sonhar-se, um motivo e o assunto.

Não sei se lhe agrada o estilo em que o trecho está escrito; é um estilo especialmente meu, e a aqui vários rapazes amigos, brincando, chamam «o estilo alheio», por ser naquele trecho que apareceu. E referem-se a «falarem alheio», «escrever em alheio», etc.

Aquele trecho pertence a um livro meu, de que há muitos trechos escritos mas inéditos, mas que falta ainda muito para acabar; esse livro chama-se Livro do Desassossego, por causa da inquietação e incerteza que é a sua nota predominante. No trecho publicado isso nota-se. O que é em aparência um

mero sonho, ou entresonho, narrado, e — sente-se logo que se lê, e deve, se realizei bem, sentir-se através de toda a leitura — uma confissão sonhada da inutilidade e dolorosa fúria estéril de sonhar.

Tenho-lhe falado de mim demasiadamente. Queria ter agora, neste momento, ao mesmo tempo em que as estou desejando, extensas novas suas. O que tem feito? Tem escrito? E tem escrito versos?

Espero para breve notícias suas. Se me pudesse escrever, não um postal, mas uma carta. . . !

Como vê pelo en-tête desta carta, mudei de residência. Mudei há três dias apenas. É para aqui que me deve escrever agora.

Adeus. Um grande e fraterno abraço do seu muito e sempre seu

Fernando Pessoa

Escrita a 3 de Maio, esta carta vai para o correio a 14. Como você vê continua aquela minha [...] de atrasar mesmo aquilo que parece impossível que se atrase. Enfim. . .

3-5-1914

**Livro do Desassossego.** Vol.I. Fernando Pessoa. (Organização e fixação de inéditos de Teresa Sobral Cunha.) Coimbra: Presença, 1990: 59.

João Lebre Lima publicara, em 1913, O Livro do Silêncio. Esta carta não chegou a ser enviada.